

QUINTANA, Mario. *A cor do invisível*. Rio de Janeiro: Globo, 1990. 125p.

São cento e vinte textos, na maioria curtos, nos quais o mais famoso filho de Alegrete (RS) canta o amor, fala do peso do passado, reclama da melancolia da velhice, discute o papel da poesia e o lugar do poeta e, como sempre, passa a sua filosofia de vida, condensada em geniais epigramas, sua marca registrada na literatura brasileira desde o inicial *A rua dos cataventos* (1940).

Quintana é um lírico, mas um lírico urbano, cosmopolita, antenado, com uma certa ironia que, mais do que uma desgastante atitude agressiva, é uma forma de defesa do poetinha diante da brutalidade do cotidiano. Como não se emocionar diante de poemas como "Anoitecer" (Da chaminé da tua casa / Uma por uma / Vão brotando as estrelinhas. . .), "Um retrato", "A letra e a música" ou "Ela e eu"?

Artista contemporâneo, Quintana está sempre discutindo o seu ofício, o produto do seu trabalho, e um dos textos que melhor flagra essa atitude é "Hoje é outro dia":

Quando abro, cada manhã, a janela do meu quarto
É como se abrisse o mesmo livro
Numa página nova.

A paisagem é a mesma, a rotina é a mesma, o objeto, enfim, é o mesmo ou, aparentemente, o mesmo – diz o poeta –, mas o sujeito tem, a cada dia, uma nova relação com o que vê da sua janela. Trata-se em síntese de uma precisa definição para a atividade poética: fazer o novo, criar a informação estética a partir da banalidade do cotidiano.

São muitas as dedicatórias espalhadas pelo Autor ao longo desse livro a Cecília Meireles ("O nome de Cecília/lá no Céu/era, mesmo, Cecília"); Charles Chaplin ("O vagabundo senta-se num banco afastado da praça/tão abandonadamente que ele e o banco parecem formar uma coisa única"); Catulo da Paixão Cearense ("Catulo não morreu: luarizou-se. . ."); e a Carlos Drummond de Andrade ("Não sou mais que um poeta lírico/Nada sei do vasto mundo. . ."), em que parafraseia o final do "Poema de Sete Faces".

Entre muitas outras afinidades, Quintana mantinha com Drummond o culto a Greta Garbo, que está em "Poema", de *A cor do invisível*:

Tão nossa e tão além
a que mundo pertences, Greta Garbo?
Oh, desde laranjais em flor:
Ana. . . Cristina. . . Margarida. . . Tantas
e tantas. . . como te amei. . . Visão!
As outras agora
é que me parecem irreais
sombras que se esvaíram numa teia. . .
Tu? Não!
Instante eternidade,
o teu sorriso é imemorial como as pirâmides
e puro como a flor, que abriu na manhã de hoje!

Os dois últimos versos – sob o título "Para Greta Garbo" – já estavam no livro *Apontamentos de história sobrenatural* (1976). Em *A cor. . .*, Quintana repete também o poema "Guerra", de *Apontamentos. . .*, trocando apenas o ponto final da primeira versão por reticências. Já não se disse que poesia é memória mais imaginação?

Como a memória costuma trair-nos, é curioso notar como o "Poema para uma exposição" ("O quadro na parede abre uma janela/que dá para o outro mundo/deste mundo. . ."), de *A cor. . .*, lembra "A lição de pintura", de João Cabral de Melo Neto:

Quadro nenhum está acabado
disse certo pintor;
se pode sem fim continuá-lo,

primeiro, ao além de outro quadro
que, feito a partir de tal forma
tem, na tela, oculta, uma porta
que dá a um corredor
que leva a outra e a muitas outras.

Coincidência, traição da memória, paráfrase?
Por outro lado, inspiração mesmo é o que não falta nos
cinco poemas *hai-kais* de *A cor do invisível*:

uma folha, aí,
melancolicamente
cai!
("Hai-kai de outono")

silenciosamente
sem um cacarejo
a noite põe o ovo da Lua
("Hai-kai")

a palavra andorinha
freme devagarinho
e sonha em silêncio
("Hai-kai da palavra andorinha")

no meio da ossaria
uma caveira piscava-me. . .
havia uma vagalume dentro dela
("Hai-kai")

e os dois trocaram um beijo
frio
como um beijo de esqueletos
("Hai-kai da última despedida")

Como se vê, os *hai-kais* de Mario Quintana não são lá muito ortodoxos dentro das regras de metrificação da poesia nipônica, mas regras existem para serem desrespeitadas.

Um aspecto importante da poesia de Mario Quintana é a sua visualidade, ou seja, a sua capacidade de acionar imagens

com o mínimo de palavras, dispensando o recurso fácil dos adjetivos e advérbios (pragas da poesia romântica) como nesses versos:

Aquele fiozinho d'água
não era um rio:
bastava-lhe ser um fio de música.
("Humilde orgulho")

O seu olhar imensamente verde
ilumina o meu quarto.
("A visitante")

As mãos que dizem adeus são pássaros
que vão morrendo lentamente. . .
("Pássaros")

Para quem, como Quintana, estreou na literatura com um livro de sonetos – isto em 1940 – talvez não seja nada demais que, mais de meio século depois, ele ainda se encontre, de uma certa forma, marginal, mas isto certamente pode até aumentar a sua aura (agora, falecido), a sua aura de grande artista, porque, como ele disse, em "Poeminha do contra", "todos esses que aí estão/atravancando o meu caminho/eles passarão. . ./ Eu passarinho".

Júlio César Lobo
Universidade do Estado da Bahia